

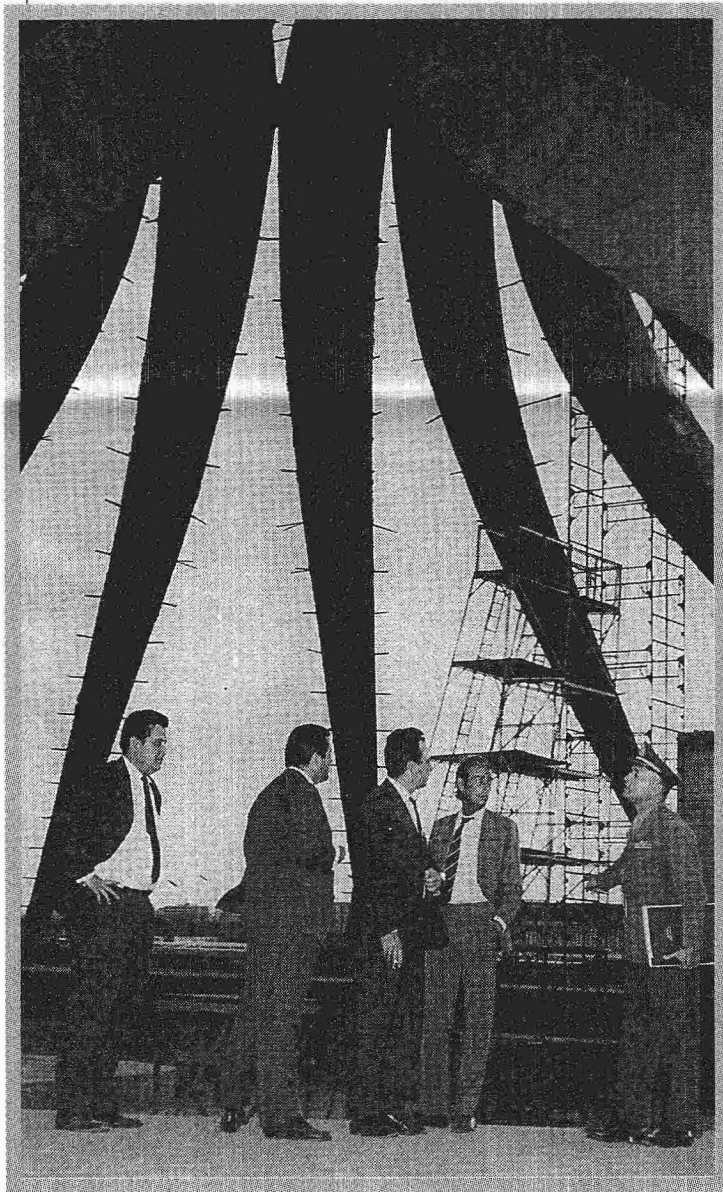
## PIONEIROS



Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe

# A emoção de ajudar a construir a cidade

Arquivo Pessoal



**SÍLVIO FOI UM DOS RESPONSÁVEIS PELO ACABAMENTO DA CATEDRAL**

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Um imenso vazio coberto de mato por todos os lados. Foi essa a paisagem encontrada aqui por um dos primeiros engenheiros a participar da epopéia da construção de Brasília. Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe chegou aqui em 1957, vindo do Rio de Janeiro. Sua única certeza nessas terras era a de um trabalho numa serraria — a primeira da capital — que iria fornecer madeiras para as construções. O emprego foi “arranjado” pelo pai, topógrafo, e amigo de Israel Pinheiro, engenheiro e presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

A viagem do Rio a Goiânia, num Douglas da Panair, foi tranquila. Daí até Brasília, o candango sentiu na pele as dificuldades que encontraria no cerrado. “Gastamos 30 horas de Goiânia a Planaltina”, contabiliza. A jardineira que o trazia, conhecida como “Pássaro Marron”, quebrou no meio do caminho devido às más condições da estrada. Sem casa para morar, o mineiro — formado pela Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro — encontrou abrigo na casa de amigos, no acampamento da Novacap.

Com o diploma na mão e en-

tusiasmo de sobra, o engenheiro em pouco tempo já era o encarregado de construir o acampamento da Candangolândia. Da noite para o dia o mato deu lugar ao maior acampamento da região, que abrigava enge-

nheiros e técnicos vindos de todas as partes do país, graças ao esforço do engenheiro. “As casas de lá eram muito simples, em madeira, telhado de alumínio e piso de cimento”, explica Sílvio, que depois de erguer as casas

pôde se mudar para o alojamento dos solteiros.

Até a inauguração da cidade, o ritmo de trabalho era estafante. “Trabalhava o dia inteiro. Não tinha tempo para a tristeza não, era só trabalho”, afirma Sílvio. “As providências eram tomadas rapidamente, porque Juscelino tinha pressa para inaugurar a cidade”. Conta o engenheiro que apesar de virem de longe, os materiais utilizados nas construções sempre chegavam a tempo. “A brita e a areia vinham daqui de pertinho mesmo, de Minas ou Goiás, mas a madeira — o pinho — vinha do Paraná”.

Muita matéria-prima era importada dos Estados Unidos, como o aço das construções metálicas, utilizado nas estruturas dos ministérios, as peças do ar-condicionado do Itamaraty, obra que também levou a assinatura deste engenheiro. Sílvio conta que um mês antes da inauguração do Ministério das Relações Exteriores houve um princípio de incêndio na garagem que deixou toda carbonizada a sala do chanceler. Com isso, tiveram de encomendar uma peça do aparelho ao então chefe do Departamento Comercial do Itamaraty, Flecha de Lima. “Mas foi tudo resolvido e conseguimos inaugurar a tempo”.

Além de concluir a obra do Palácio do Itamaraty, o pioneiro também atuou como fiscal de obras da Novacap, chefe do Serviço e da Divisão de Fiscalização e do Departamento de Edificações da Companhia Urbanizadora. A Praça dos Tribunais — TST, TSE, TRF e o Palácio e a Praça do Buriti, o Teatro Nacional e o acabamento da Catedral Metropolitana de Brasília também tiveram a participação de Jaguaribe.

## Primeira missa

O engenheiro participou não apenas das grandes obras da nova capital, mas também das cerimônias mais importantes durante a construção de Brasília. A primeira missa, realizada no Cruzeiro em maio do mesmo ano, foi uma delas. Além de trabalhar na montagem do altar, improvisado com toras de madeira e cobertura de lona, o pioneiro assistiu emocionado, ao lado de autoridades e da comitiva presidencial, às bênçãos do cardeal-arcebispo Dom Carlos de Vasconcelos Mota.

Terminada a missa, Sílvio pegou carona no voo dos deputados e senadores rumo ao Rio de Janeiro. Na Cidade Maravilhosa alguém muito especial o aguardava. O presidente do Conselho do Clube de Engenharia de



C 83

## PIONEIROS

Com o diploma de engenheiro nas mãos, o pioneiro chegou a cidade para trabalhar em uma serraria, mas não precisou de muito tempo para se tornar responsável por obras de vulto na nova capital



SÍLVIO E A ESPOSA MARLENE FAZEM QUESTÃO DE MANTER A FAMÍLIA UNIDA NA BRASÍLIA QUE ESCOLHERAM PARA VIVER

## Raio X

**Nome:** Sílvio Carlos Pimenta Jaguaribe  
**Idade:** 71 anos  
**Origem:** Belo Horizonte, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957  
**Profissão:** Engenheiro  
**Esposa:** Marlene da Costa Jaguaribe  
**Filhas:** Roberta e Renata  
**Netos:** Thiago, Natália, Felipe e Gustavo  
**Obras importantes:** Embaixada da Venezuela, Embaixada do México, residência do embaixador Dario Castro Alves, construção e urbanização da Cidade Satélite do Guarã I e fiscalização do Brasília Palace Hotel, do Palácio da Justiça e do Tribunal de Contas da União

Brasília ficaria noivo naquele mesmo dia. Cinco meses depois, Marlene e Sílvio se casaram. O “acampamento dos casados”, construído pelo próprio engenheiro, foi a primeira residência dos Jaguaribe. A adaptação da família aqui, segundo ele, foi fácil. “Havia muita amizade e colaboração entre os moradores”.

Outro evento importante do qual o mineiro participou ativamente foi da construção da Churrascaria do Lago. Projetado quinze dias antes da inauguração de Brasília, o novo *point* da cidade foi construído em estrutura metálica, com paredes de tijolo, ambiente para churrasco e piscina, encomendada de Juscelino Kubitschek. O objetivo era receber e agradar os convidados da grande festa do 21 de abril. “Até o churrasqueiro foi trazido de Belo Horizonte para a ocasião”, lembra.

O ideal de erguer a nova capi-

tal do país era compartilhado por todos os trabalhadores que costumavam contornar as dificuldades sem qualquer problema. O engenheiro testemunhou a resistência e a luta de muitos pioneiros, entre eles, a do motorista que sempre o levava de jipe até as obras. “Ele tinha os dedos da mão esquerda roxos e um dia tive a curiosidade de perguntar o que era aquilo. Ele disse que assim que chegou na cidade não havia carros para dirigir, por isso teve de trabalhar na carpintaria. Como não era sua especialidade, sempre batia o martelo nos dedos”, conta.

Amigo de Lúcio Costa, era com Oscar Niemeyer que o engenheiro passava boa parte do tempo. “Niemeyer era inteligente, simples, abnegado ao trabalho e um grande amigo”, declara. Os escritórios de urbanismo e edificações — dois barracos

“**A GENTE PASSAVA O PROJETO PELA JANELA MESMO E MUITAS VEZES NÃO DAVA TEMPO NEM PARA TIRAR UMA CÓPIA. O ORIGINAL IA DIRETO PARA AS OBRAS**”

eram vizinhos, o que facilitava o contato e a aprovação dos projetos. “A gente passava o projeto pela janela mesmo e muitas vezes não dava tempo nem para tirar uma cópia. O original ia direto para as obras”.

Com o presidente JK, Sílvio também guarda boas lembranças, como a de um almoço no Catetinho. “Juscelino era uma pessoa extraordinária, simpática, dinâmica e um amigo”.

O talento e a dedicação às obras na capital lhe renderam várias homenagens, dentre elas, a de Mérito Santos Dumont, Mérito Assis Chateaubriand e o diploma de serviços relevantes prestados à nação.

Segundo o pioneiro, a construção de Brasília foi grande feito, um trabalho heróico e uma grande satisfação para ele. “Não existe lugar melhor que aqui para morar. Existe para passear, mas para morar não existe”.